

Eva Waisros Pereira ou a escola como ‘lugar de memória’¹

José Geraldo de Sousa Júnior
Universidade de Brasília

Magnífico Reitor Professor Ivan Camargo; Ilma. Sra. Diretora da Faculdade de Educação, professora Carmenísia Jacobina Ayres; Ilmo. Sr. Vice-Diretor da Faculdade de Educação, professor Antônio Fávero Sobrinho; distinta Comissão de Honra; senhores ex-reitores; senhores e senhoras professores e professoras eméritos e eméritas e demais titulares de distinções *honoris causa*; senhores e senhoras Decanos e Decanas; senhores e senhoras diretores e diretoras de unidades acadêmicas e administrativas; senhores e senhoras professores e professoras, servidores e servidoras, estudantes, familiares da homenageada: seu marido, o advogado José Oscar Pelúcio Pereira, filho, filhas, nora, genros e netos; convidados e convidadas; distingo entre os aqui presentes, não podendo nomear todos, o advogado Antônio Carlos Sigmaringa Seixas, antigo *bâtonnier* da Ordem dos Advogados de Brasília, meu mestre, sob cuja orientação aprendi a ética e a técnica que balizam o exercício dessa nobre profissão; Secretário-Chefe da Casa Civil do Governo do Distrito Federal, Sr. Swendenberger do Nascimento Barbosa; integrantes dessa extraordinária e, talvez, mais antiga turma de ludopedistas de Brasília, entre os quais me incluo; por último, mas com o sentimento de que é distinguida em primeiro lugar, a Senhora Professora Emérita Eva Waisros Pereira.

O memorial que apresenta e reivindica a outorga de título de Professora Emérita a Eva Waisros Pereira, dando início a um processo complexo que tem sua culminância nesta solenidade, é subscrito por uma qualificada comissão formada por professoras da Faculdade de Educação da UnB, nomeadamente, Laura Maria Coutinho, Maria Alexandra Militão Rodrigues, Maria Luiza Pinho Pereira e Hέλvia Leite Cruz.

O memorial abre, sob a inspiração de Cora Coralina, que evoca a experiência pela mediação da escola para, com sensibilidade, demarcar o duplo contexto que dá significado e relevância a uma trajetória: “*Se Cora Coralina, – tem início o memorial – em sua evocação poética da escola, rememora a sua experiência pessoal de ter sido aluna em uma determinada época, o presente memorial, centrado na trajetória da Professora Eva Waisros Pereira, rememora a sua experiência histórica de educadora que assumiu a escola como tempo/espaco de militância político-pedagógica, de docência e de pesquisadora da escola como ‘lugar de memória’.*”

1. Discurso de saudação na cerimônia de outorga de título de Professora Emérita a Eva Waisros Pereira, na FE/UnB, em 3/4/2013, no Auditório Dois Candangos.

Assim, aludir ao percurso da Professora Eva Waisros Pereira é, ao mesmo tempo, expor um tanto a sua biografia e um pouco traçar o seu retrato. Numa perspectiva hermenêutica, Boaventura de Sousa Santos distingue as duas aproximações. No primeiro caso, diz ele, registra-se aquilo que se fez; no segundo, aquilo que se é. Para ele (Sociologia na Primeira Pessoa: fazendo pesquisa nas favelas do Rio de Janeiro, Revista da Ordem dos Advogados n. 49, São Paulo, Editora Brasiliense, 1988, ps.39/40), *“Embora, à primeira vista, a distinção pareça clara, ela é na realidade bem complexa, muito para além do fato comumente aceite de que aquilo que se faz espelha o que se é. Aquilo que sou é, de certo modo, o último capítulo daquilo que fiz, mas um último capítulo que contraditoriamente está presente quando se escrevem todos os capítulos anteriores”*. Traduz-se nesse processo a problemática já vivenciada por Santo Agostinho ao escrever As Confissões (Livro X, cap. 3), contrapondo aquilo que tinha feito ao que era quando estava a escrever. Cito Santo Agostinho sem receio de enfadar mentalidades decididamente laicas, certo do que me disse José Oscar certa vez, confessando-se ateu, mas não praticante.

O que a Professora Eva Waisros Pereira fez, enquanto foi sendo, está bem exposto no memorial já mencionado, que a surpreende desde a infância em família de judeus poloneses imigrantes e já adolescente, estudante secundarista militando no movimento estudantil e engajada nas lutas do Partido Comunista Brasileiro, nas quais conheceu aquele que viria a ser, aos 21 anos, seu marido, o advogado José Oscar Pelúcio Pereira. Com ele mudou-se para Brasília, quando José Oscar veio assumir atividades políticas e profissionais, como advogado sindicalista, em defesa da organização e da luta por direitos própria da ação sindical. Aqui nasceram os filhos: Paulo Guilherme, Denise, Marina e Cláudia.

Há pouco tempo em Brasília, sobreveio o golpe de 1964 que se abateu funestamente sobre a família. O memorial descreve: *“a professora Eva passou por momentos extremamente difíceis, especialmente em face das perseguições e prisões sofridas por seu companheiro José Oscar, devido à sua militância política como procurador de órgão público e advogado de sindicatos de trabalhadores no Distrito Federal. Não foram poucas as repercussões na vida familiar, diante do clima de insegurança e de dificuldades de toda ordem decorrentes do caráter repressor do regime militar que se instaurava nos anos 60 do século passado. Numa época em que os ideais estavam incendiando o jovem casal, Eva emergiu com a força de uma leoa. Destacou-se por sua atuação determinada e incansável na denúncia e investigação do desaparecimento temporário do marido, revelando uma postura corajosa, valente e agregadora, principalmente com a família, no enfrentamento de inúmeras situações ameaçadoras”*.

O memorial prossegue expondo a sólida formação acadêmica, o expressivo rol de atividades profissionais, a participação ativa em eventos e o notável

engajamento na pesquisa, cujo eixo, anotam as suas autoras, é a disposição de contribuir para fortalecer as conquistas decorrentes da LDB. Neste aspecto dizem, o compromisso da professora Eva Waisros Pereira com a história da educação pública no Brasil, a partir de sua docência na disciplina História da Educação Brasileira, no Departamento de Teorias e Fundamentos, da Faculdade de Educação da UnB, levaram-na a assumir um grade desafio: *“lutar pela memória da educação pública no Distrito Federal”*.

Desse impulso, duas resultantes devem ser postas em relevo. Primeiro, a defesa da democratização da educação no Brasil e pela implantação de um modelo de escola pública integral no Distrito Federal, seguindo o projeto de Anísio Teixeira. Nesta vertente, é notável a sua competência agregadora que tem sido capaz de reunir um dos mais qualificados grupos de pesquisadores, num projeto cujo resultado mais recente é a edição do livro *Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Lançada pela Editora da UnB ao ensejo das celebrações do cinquentenário da cidade, tive a honra de redigir a apresentação da obra. Nessa oportunidade, pareceu-me destacável reconhecer no trabalho realizado sob a coordenação da Professora Eva Waisros Pereira a identificação do experimento utópico de fazer da educação a mediação necessária à emancipação social, reclamando projetos aptos a realizarem a experiência de mudança da sociedade, tais como aqueles OKformulados por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro: *“A ocasião da criação de Brasília era a conjuntura perfeita para a realização desse projeto emancipatório. Pela primeira vez no país se poderia planejar o nascimento de uma cidade simultaneamente a seu projeto pedagógico. Foi a oportunidade de concretização de vários dos ideais do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, cuja natureza só permitiria o desenvolvimento pleno se semeados em um solo virgem, livre de passado e de práticas sociais cristalizadas pelo tempo. O novo sistema de organização escolar se propunha oferecer educação gratuita e obrigatória a todos, sem distinção entre os alunos pela posição ocupada na teia social. Somente as aptidões naturais deveriam permitir diferir um estudante de outro”* (Apresentação, p. 9).

A segunda resultante, também destacada no memorial, e como fruto do trabalho de pesquisa conduzido pela Professora Eva Waisros Pereira, é a mobilização voltada para a criação e implantação do Museu da Educação do Distrito Federal. Cuida-se, de um lado, de recolher o amplo acervo de registro de memórias dos pioneiros da educação pública do Distrito Federal, fotos, documentos oficiais e pessoais, em grande parte coletados no trabalho da pesquisa. De outro lado, um elemento simbólico muito valioso: reconstruir, na Candangolândia, a primeira escola do Distrito Federal, denominada Júlia Kubitschek. Esta proposta, atualmente, com total apoio da UnB, já se transformou num verdadeiro movimento engajando educadores, organizações da sociedade civil, parlamentares e representantes

governamentais, conscientes da importância de preservar, lembram as autoras do memorial, “os fundamentos do projeto original do sistema de educação, parte do plano de implantação da nova capital do país”.

Na sua parte conclusiva, o memorial apresentado à Faculdade de Educação da UnB, onde foi por unanimidade acolhido, sintetiza, assim, “os requisitos da proposta de concessão do título de professora emérita a Professora Eva Waisros Pereira:

“A sua precoce e contínua militância política em defesa de uma sociedade justa e democrática. Esse perfil sempre esteve presente nas dimensões da vida familiar e profissional como educadora da escola e universidade públicas;

A sua capacidade de ser articuladora e agregadora visando à construção de projetos coletivos na Secretaria de Educação e na Universidade de Brasília. Na Secretaria de Educação, nos anos 80, foi indicada por vontade coletiva dos professores da rede pública para ser Diretora Geral de Pedagogia da antiga Fundação Educacional do Distrito Federal. Por ocasião da elaboração da atual Lei de Diretrizes e Bases, juntamente com um grupo de educadores, lutou em defesa de uma educação pública de qualidade.

Por fim, mesmo aposentada continua mobilizando educadores e pesquisadores para mais uma causa social e coletiva que é a organização do Museu da Educação do Distrito Federal, seu atual grande desafio acadêmico e profissional”.

No Conselho Universitário, também por unanimidade, foi a concessão aprovada, demonstrando o testemunho da relatora Professora Isabela Brochado, atual Diretora do Instituto de Artes e sua ex-aluna, a perfeita convergência entre o perfil da homenageada e a disposição estatutária que prevê a honraria, para “o docente aposentado na Universidade de Brasília, que tenha alcançado uma posição eminente em atividades universitárias” (art. 66, 2).

Com efeito, a UnB tem sido parcimoniosa na concessão dos títulos honoríficos previstos em seu estatuto. Mesmo em seu cinquentenário, quando as unidades acadêmicas se empenham em revisitar a sua contribuição à obra de criação da universidade, a indicação dos protagonismos que carregam a marca de exemplaridade, continua rigorosa, preservando a seletividade que revela o zelo com a representação de sua *Alma Mater*, que é, assim, fortalecida com o carisma dos que alcançam tal honraria.

Na área de educação eles são muito poucos. Entre os fundadores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, acrescenta-se Paulo Freire, *pos-mortem*, doutores *honoris causa* e eméritos, apenas Ilma Passos Alencastro Veiga e Jacques Rocha Velloso, conforme recolhi dos registros da própria UnB².

Estes nomes, entretanto, professora Carmen Nísia Jacobina Ayres, bastam para por em relevo a singularidade acadêmica representada na UnB pela Faculdade de

2. Nota dos editores: observa-se a data da homenagem à Professora Eva Waisros em abril de 2013.

Educação. Se uma universidade tivesse um centro, e sustento que ela não o tem, nem territorialmente, *multicampi* como ela é; nem epistemologicamente, como mostra Boaventura de Sousa Santos, nosso mais recente Doutor *Honoris Causa*, ao falar da universidade como lugar de encontro entre saberes, cuja síntese é um conhecimento pluriversitário solidário (*A Universidade no Século XXI. Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*, São Paulo, Cortez Editora, 3ª edição, 2010, p. 61); mas se ela tivesse esse centro, eu repito, este deveria ser a sua Faculdade de Educação.

Esta convicção se vê reforçada, sobretudo na UnB, cujo projeto singular é sempre retomado apesar de suas sucessivas interrupções (SALMERON, Roberto A., *A Universidade Interrompida. Brasília 1964-1965*, Brasília, Editora UnB, 2ª edição revista, 2012, *passim*), exatamente porque ela guarda identidade e compromisso com os valores lançados no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, assinado entre outras personalidades por dois fundadores de nossa universidade – Anísio Teixeira e Hermes Lima – notadamente no que demarca a dupla lealdade de sua concepção original: a lealdade aos padrões internacionais de conhecimento e a lealdade ao povo como compromisso de buscar soluções para os problemas que afetam o seu desenvolvimento.

É assim que ela se constituiu como uma universidade necessária (Ribeiro, Darcy. *A Universidade Necessária*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1975, *passim*), que tivesse, segundo Darcy Ribeiro, “o inteiro domínio do saber humano e que o cultive não como um ato de fruição ou de vaidade acadêmica, mas com o objetivo de, montada nesse saber, pensar o Brasil como problema” (Ribeiro, Darcy (org). *Universidade de Brasília: projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei n. 3.998, de 15 de dezembro de 1961*, Brasília, Editora UnB, 2011, p. 8).

É nesse passo que a universidade necessária se faz também emancipatória (Sousa Junior, José Geraldo de (org). *Da Universidade Necessária à Universidade Emancipatória*, Brasília, Editora UnB, 2012, *passim*) porque, digo-o em texto que organizei e acabo de publicar, avançando com seu projeto, radicaliza o que já se enunciava no Manifesto de 1932, por retirar “a Educação do sistema censitário, cativa de privilégios de classe, para configurá-la como fator estratégico para o desenvolvimento do País, antecipando fundamentos que são atualmente perseguidos, seja no ensino fundamental, com o pressuposto da educação em tempo integral com meta de universalização, seja no ensino superior, com valores que foram transpostos para o projeto da UnB, com a disposição de criar conhecimento comprometido socialmente, a cargo de profissionais bem formados e valorizados social e economicamente” (op. cit. p. 13).

Eis aí o mais cabal significado da educação, campo de luta sem quartel da professora Eva Waisros Pereira. Ela atualiza com a sua luta, o seu denodo

profissional, as proposições de sua inteligência aguda, a solidariedade de seu compromisso político, o engajamento histórico de educadores, a exemplo daqueles que subscreveram o Manifesto de 1932, dos que assinaram o projeto da UnB e de políticos, como Rui Barbosa, que em seus pareceres de 1942 e de 1947, sobre as reformas educacionais do século XIX no Brasil, cerravam fileiras para fortalecer esse significado. Lembra Rui, nesse sentido, em seu parecer sobre a reforma do ensino primário, que *“todas as leis protetoras são ineficazes para gerar a grandeza econômica do país; todos os melhoramentos materiais são incapazes de determinar a riqueza, se não partirem da educação popular, a mais criadora de todas as forças econômicas, a mais fecunda de todas as medidas financeiras”*.

Se na Ilíada há o testemunho da elevada consciência educadora como representação da *Arete* grega para designar o ideal de formação, no melhor sentido da *Paidéia*, pode-se dizer que o conselho do velho Fênix dirigido ao seu pupilo Aquiles, fez eco igualmente na disposição de Eva Waisros Pereira, cuja trajetória, pessoal e política, traduz, virtuosamente, o sentido e o fim da educação: saber proferir belas palavras mas não deixar de realizar ações que transformem o mundo (*Paidéia*, Jaeger, Werner. Martins Fontes Editora/Editora UnB, Brasília, 1986, p. 21). Ativista da práxis, ela sabe, com Marx (Marx-Engels, *Antologia Filosófica*, 11ª Tese sobre Feuerbach, Editorial Estampa, Lisboa, 1971, p. 25), que não basta a representação diletante da realidade, urge transformá-la. Ou, como o grande educador da pedagogia da autonomia, Paulo Freire, cuja maior ensinamento encontrou nela, uma acolhida militante: é preciso estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, para intervir nele, e assim, conhecê-lo (*Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1996. p. 31). Contar para o mundo, agir nele pedagogicamente, eis o que é essencial, e é o exemplo que nos dá Eva Waisros Pereira, sobretudo em tempos de consumismo produtivista, também no âmbito acadêmico, não imune às ilusões burocratizantes que facilmente deságuam numa aritmética alienadora, satisfeita em contabilizar citações e papelizar o conhecimento.

Quero concluir, dado o realce ao que de inteligência e de lealdade, se constituem a biografia e o retrato da professora emérita Eva Waisros Pereira, registrando algo a mais de notável com que ela e seu marido José Oscar Pelúcio Pereira impressionam a todos e todas que com eles convivem. Algo que se traduz como uma dimensão estética do existir, captada sensivelmente por seu genro aqui presente, o poeta e compositor Jorge Ferreira, (*Rio Adentro. Poemas*, São Paulo, Geração Editorial, 2011, p. 6), admirando neles, *“a beleza com que experimentam a vida”*.

No ano de seu jubileu, Magnífico Reitor e presentes neste ato e neste Auditório

2 Candangos (Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques), monumento concreto da história da UnB, a *Alma Mater* de nossa universidade se nutre de seiva nobre que a faz irradiar mais fortemente, com a admissão no seu mais simbólico panteão, de Eva Waisros Pereira, Professora Emérita da UnB.

Brasília, 3 de abril de 2013.

José Geraldo de Sousa Junior é doutor em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília (UnB), professor e ex-Reitor da UnB (2008-2012).

Outorga de título de professora emérita - discurso da homenageada

Eva Waisros Pereira
Universidade de Brasília

Boa tarde a todos e a todas!

É com satisfação que saúdo o Reitor da Universidade de Brasília, prof. Ivan Marques de Toledo Camargo, que preside esta solenidade de outorga do título de Professora Emérita que me foi concedido pela instituição e, na pessoa dele, cumprimento a Vice-Reitora, prof.^a Sonia Nair Bão, e os Decanos que nos honram com a sua presença.

Cumprimento as autoridades presentes, respeitáveis homens públicos ligados a Brasília, cujos nomes deixarei de declinar para evitar possíveis omissões, ressaltando que a eles sempre recorreremos em busca de apoio.

Formulo cumprimentos fraternos aos colegas da Mesa: prof.^a Carmenísia Jacobina Aires, diretora da Faculdade de Educação, e prof. Antônio Fávero Sobrinho, vice-diretor desta Faculdade, que se empenharam para que esta solenidade se realizasse neste recinto histórico da Universidade de Brasília.

Em especial, saúdo o prof. José Geraldo de Souza Júnior, ex-reitor da Universidade de Brasília, que acaba de proferir um discurso extremamente generoso sobre a minha pessoa e a atividade profissional que venho desenvolvendo nesta instituição, particularmente no que se refere à minha participação no projeto de reconstituição e preservação da memória da educação do Distrito Federal.

É com carinho e amizade que saúdo também os colegas que me honraram com a sua participação na comitiva que me acompanha neste evento: as professoras Laura Maria Coutinho, Maria Luiza Pinho Pereira, Maria Alexandra Militão Rodrigues e Maria Rosa Abreu de Magalhães, que protagonizaram a indicação do meu nome para a concessão do título de Professora Emérita; a prof.^a Cinira Maria Henriques Nóbrega e o prof. Francisco Heitor de Magalhães Souza, pesquisadores entusiastas da educação do Distrito Federal; a querida Maria Paula de Vasconcelos d'Escaragnolle Taunay, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação; e Renée Gunzburger Simas, brilhante e combativa professora pioneira em Brasília.

Agradeço imensamente a presença dos colegas professores, estudantes e funcionários desta Universidade, assim como a dos docentes de escolas públicas de Brasília que aqui se encontram, especialmente os professores pioneiros que hoje nos honram com o seu comparecimento.

Agradeço a presença de tantos amigos e parentes, destacadamente, a minha família, que sempre me apoia e prestigia: o meu marido, José Oscar Pelúcio Pereira,

companheiro de todas as horas ao longo de uma convivência que ultrapassa meio século; os meus filhos, Paulo Guilherme, Denise, Marina e Cláudia; os meus genros, Jorge, Eudoro e Júnior; e os meus netos, Fernanda, Guilherme, Leo, Lucas, Luciana, Luísa, Caio e Mila, que acaba de nos brindar com uma linda canção.

Nesta oportunidade, quero registrar meus agradecimentos a Cláudia Melo e Anderson Brito, da Coordenação do Cerimonial da Universidade de Brasília, pela competente organização e condução deste ato.

Sinto-me sobremodo honrada pela outorga do título de Professora Emérita pela Universidade de Brasília. Confesso que, para mim, foi uma surpresa a iniciativa dos colegas da Faculdade de Educação em indicar o meu nome para tal distinção. Devo dizer que admiro e respeito a seriedade do trabalho dos professores desta Casa no desempenho de suas múltiplas atividades profissionais, razão pela qual desejo compartilhar com eles a homenagem que ora recebo.

Estendo a minha gratidão ao Conselho da Faculdade de Educação pela aprovação da proposta de outorga do título de Professora Emérita que me está sendo concedido. Agradeço, particularmente, às colegas professoras Laura Maria Coutinho, Maria Alexandra Militão Rodrigues, Maria Luiza Pinho Pereira e Hέλvia Leite Cruz, que formularam a proposição inicial para a concessão deste título.

Pela manifestação de apoio à iniciativa, agradeço ainda aos professores Antonio Ibañez Ruiz, ex-reitor da UnB, e Erasto Fortes Mendonça, ex-diretor da Faculdade de Educação, ambos atualmente membros do Conselho Nacional de Educação; à prof.^a Ivany Rodrigues Pino, presidente do Centro de Estudos, Educação e Sociedade; ao embaixador Raul de Taunay e à embaixatriz Maria Paula de Almeida Vasconcelos d'Escaragnolle Taunay; ao professor e jornalista Jarbas Silva Marques, vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Brasília; às professoras Maria Rosa Abreu, coordenadora do GT Mobilidade Sustentável/UnB, e Zuleide Araújo Teixeira, assessora técnica da liderança do Partido dos Trabalhadores no Senado Federal nas áreas de educação, cultura e esporte; bem como ao professor Francisco Heitor de Magalhães Souza, coordenador de Avaliação Institucional da Universidade Estadual de Goiás; aos professores Aurélio Anchises R. de Souza e Maria José Ribeiro, ex-diretores do Sindicato dos Professores do Distrito Federal, e Maria Cristina Costa Cardoso, ex-dirigente da Associação dos Orientadores do Distrito Federal.

Agradeço, por último, ao Conselho Universitário da Universidade de Brasília, em especial à prof.^a Izabela Costa Brochado, Diretora do Instituto de Artes, que, designada parecerista sobre a matéria junto ao Consuni, ratificou a decisão da Faculdade de Educação. Após o relato do seu parecer, Izabela, ainda na tribuna, fez um depoimento carinhoso, em que revelou ter sido minha aluna e, como tal, considerava-me merecedora do título. Enfim, agradeço aos professores José

Mauro Barbosa Ribeiro, Antonio Fávero Sobrinho e Maria Madalena Torres, bem como à Decana de Extensão, Prof.^a Thérèse Hofmann, que se manifestaram na reunião do Consuni em apoio à minha indicação.

Extremamente sensibilizada, agradeço a generosidade do gesto, que se engrandece por ser de iniciativa de uma das mais importantes instituições de ensino superior do País. Sua história singular, construída ao longo dos cinquenta anos de sua existência, traz as marcas indelévels do idealismo dos intelectuais que sonharam – e dos que ainda continuam a sonhar – com a educação como projeto de Nação, fundada na justiça social, na solidariedade, na paz e no progresso das ciências e das artes, em benefício da humanidade. Protagonizada por educadores do porte de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira para ser um *locus* de desenvolvimento de altos estudos e de formulação de propostas para subsidiar o Estado brasileiro na solução dos grandes problemas nacionais, a Universidade de Brasília sofreu reveses em seus propósitos e a brutal interrupção de práticas educacionais inovadoras, logo nos primeiros anos de sua trajetória histórica, por força da coerção policial que lhe impingiram no período da ditadura militar e que transformou seu *campus* numa verdadeira praça de guerra contra os estudantes e seus professores.

Os novos ares trazidos pela redemocratização do País renovam as esperanças, despertam a consciência dos brasileiros e propagam a fala dos até então silenciados. Em meio a dificuldades e contradições, a Universidade de Brasília renasce, com todo vigor, num processo democrático e participativo de refundação, até recentemente conduzido pelo ex-reitor, Prof. José Geraldo de Sousa Júnior, que certamente terá continuidade na atual gestão da UnB. A seriedade e a vontade política que amalgamam esse processo e aproximam o pensamento atual às ideias fundadoras da instituição restituem-lhe a dignidade.

Pessoalmente, serei eternamente grata à Universidade de Brasília por ter-me acolhido como docente e proporcionado valiosas oportunidades de estudo, que fortaleceram a minha formação acadêmica na área da educação, possibilitando-me, inclusive, frequentar universidades estrangeiras. Destaco, sobretudo, a relevância das experiências que aqui pude vivenciar no exercício do magistério, particularmente no convívio com colegas-professores e, sobretudo, no contato diuturno com meus alunos, que me permitiram alargar a minha história de vida pessoal e profissional.

Para mim, ser professora por si só representa um título bastante significativo, em face da relevância da função social que cabe ao profissional do magistério desempenhar na formação das novas gerações. É enorme a responsabilidade de, permanentemente, à medida que a sociedade se transforma, e é transformada pela ação humana, buscar e percorrer novos caminhos para promover a educação

das nossas crianças, jovens e adultos, na perspectiva de, cada vez mais, ampliar a humanização do homem, o seu bem-estar, a justiça social e a solidariedade, de modo a contribuir para elevar a humanidade a novos patamares de convívio social.

Pensar a educação hoje implica analisar a trajetória que vimos perseguindo ao longo do tempo, a fim de consolidar avanços e buscar a superação dos obstáculos que impedem ou dificultam o desenvolvimento humano e social, causando o retrocesso de ideias e de ações inovadoras e a perda de direitos já consagrados. Muitas vezes – o que é mais grave –, as barreiras que se interpõem ao progresso e bem-estar social são impostos por meio da violência e da barbárie.

Basta lembrar a trágica hecatombe que marcou o século XX e enlutou a humanidade com os seus milhões de mortos, perseguidos e subjugados pelo terror do nazismo, sob a invocação de razões raciais, políticas, religiosas e outras formas de discriminação inaceitáveis, mediante as quais se dissimulam os verdadeiros objetivos da guerra: a conquista do poder e dominação econômica, política e cultural.

Diante de catástrofes como essa, cujos determinantes advêm da própria estrutura e dinâmica da formação social capitalista, que no atual estágio de globalização amplia o conflito de interesses entre as nações, há de se indagar: Como foi possível à humanidade chegar a esse ponto? Como explicar tamanha atrocidade? O que induziu cidadãos comuns dos países agressores a aderirem cegamente a essa guerra sangrenta? Como explicar tal alienação? O que falhou na educação? Em que se errou? Como proceder para que jamais se repitam massacres dessa natureza?

Será que – conforme sugere Nóvoa – é o caso de se repensarem as bases da nossa educação humanística de modo a assegurar uma formação verdadeiramente emancipatória do ser humano? Ou ainda, como preconiza Boaventura Santos, não há que se reinventar o conhecimento-emancipação e conceber uma utopia crítica que considere, ao mesmo tempo, a autonomia e o respeito às diferenças?

Lamentavelmente, tantos outros acontecimentos têm penalizado a sociedade com privação da liberdade, extinção de direitos e de valores humanos, aumento da desigualdade social e a degradação ambiental, que coloca em risco a própria existência humana... Ainda pairam entre nós as tristes lembranças da repressão instaurada pela ditadura militar em nosso País, a partir de 1964, num cenário marcado por perseguição, prisão, tortura, assassinato, cassação e exílio, além de tantas outras iniquidades cometidas contra cidadãos brasileiros indefesos.

Não obstante, sem nunca esquecer o passado sombrio, somos impelidos pela vida a seguir nossa caminhada, movidos pela esperança no devir, num horizonte carregado pela utopia de um mundo melhor.

Com a democracia e a liberdade instauradas novamente no País, floresce um

movimento vetor de mudanças, visando superar o conservadorismo e os processos de desumanização. Certamente não faltarão aos brasileiros a coragem e a determinação para transformar essa realidade e criar alternativas para o futuro.

É dessa reconstrução que nós, educadores, somos chamados a participar, conscientes, porém, de que se trata de um duplo movimento, de mudança e de combate, no qual a Universidade desempenha um papel fundamental, pelo potencial de “massa crítica” que reúne e produz, pela ousadia de assumir uma atitude de resistência e, sobretudo, pela incessante busca de conhecimento e capacidade de criação, que configuram a sua razão de ser.

Na atualidade, o principal foco de combate tem sido as tentativas de transposição de princípios economicistas para o interior da Universidade, que contribuem para a sua mercantilização. Embora o apoio das empresas às instituições universitárias seja bem-vindo, a incursão no ensino superior de uma lógica empresarial, que sobreponha o valor econômico imediato a outros valores humanos essenciais, representa um sério risco de massificar o ensino superior à custa da qualidade da formação. Essa lógica produtivista orienta ações gestórias bastante questionáveis, como a promoção de *rankings* e o acúmulo de demandas que levam à intensificação do trabalho docente, submetendo a profissão acadêmica ao controle imposto pelo sistema de avaliação nas universidades. Tais medidas, desumanizadoras, colocam-se na contramão de uma educação emancipadora, pois descaracterizam a instituição universitária e afastam-na de seus propósitos maiores.

O fracasso dessa política acha-se claramente expresso no livro de Ravitch. Pesquisadora-doutora da Universidade de Nova Iorque e proponente de soluções baseadas na lógica do mercado, cuja aplicação defendera durante a sua gestão em cargos públicos no Departamento de Educação dos Estados Unidos e agora retira seu apoio, criticando seus pressupostos ideológicos e denunciando seus resultados, que contribuíram para agravar a crise da educação pública americana.

Ora, por que trilhamos os mesmos caminhos que, fora do Brasil, conduziram a educação pública ao insucesso?

Diante desse panorama, as mudanças se impõem! É necessário afirmar a autonomia universitária, a independência e o espírito crítico, a liberdade das instituições, a liberdade das pessoas, a liberdade do futuro.

E, no bojo desse movimento de transformação, nada mais justo do que dedicar o cinquentenário da UnB aos professores e estudantes brasileiros que, no passado recente, em luta pela defesa da liberdade, tiveram seus percursos acadêmicos interrompidos, por meio de afastamento compulsório, demissão, prisão, tortura, desaparecimento e morte, como é o caso de Honestino Guimarães – saudoso estudante desta Universidade.

Outra questão relevante desta ação transformadora é a abertura da universidade para a sociedade, uma universidade ligada à cidade, a coisa pública. Não basta produzir conhecimentos, é preciso transformar o saber em invenção e inovação. É necessário, sobretudo, valorizá-los do ponto de vista social.

É nessa perspectiva que formulamos a proposta de criação do Museu da Educação do Distrito Federal. A iniciativa emerge de um trabalho coletivo de pesquisa desenvolvido por uma equipe multidisciplinar e interinstitucional, ao longo de mais de uma década, e visa reconstituir e preservar a memória e contribuir para a escrita da história da educação da Capital brasileira, desde o período de sua fundação, quando aqui se implantou o projeto revolucionário de educação proposto pelo educador Anísio Teixeira.

Os primeiros anos da educação do Distrito Federal foram marcados pelo idealismo desse plano, pelo compromisso de seus professores, com o apoio da população e do governo. A importância desse momento na história da cidade e do País não pode se perder no tempo. A preservação da memória dessa experiência exitosa na educação brasileira merece um espaço de contemplação e reflexão das intenções e das práticas desenvolvidas naquela época.

Resguardar o patrimônio imaterial desse passado recente e colocá-lo permanentemente em exposição para a população de Brasília no Museu da Educação do Distrito Federal trará à memória coletiva do cidadão brasiliense o reconhecimento de sua história educativa. Essa memória revisitada representará – especialmente para o professor da escola pública do Distrito Federal – oportunidade de valorização profissional e de fortalecimento de sua identidade docente. Os espaços do Museu, projetados com recursos tecnológicos e interativos, apresentarão as experiências profissionais vividas pelos professores pioneiros, protagonistas dessa história, levando o professor contemporâneo a uma releitura de seu papel social, engajando-o no processo de construção de novas utopias.

Essa ideia, nascida na UnB, agora pertence à cidade de Brasília, É com alegria que hoje podemos anunciar o compromisso do Governo do Distrito Federal na realização desse projeto. Com a perspectiva de financiamento pelo GDF, os primeiros passos estão sendo dados para a reconstrução da Escola Júlia Kubitschek – primeira escola pública de Brasília –, que deverá ser a sede do Museu da Educação do Distrito Federal.

É importante ressaltar que essa realidade é fruto de uma articulação entre instituições do Governo do Distrito Federal – Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura, Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, Arquivo Público e Administração Regional da Candangolândia – e outras, como Instituto Brasileiro de Museus, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – DF, Instituto

Histórico e Geográfico do Distrito Federal e Fundação Darcy Ribeiro, que integram o Conselho Gestor para a Criação e Implantação do Museu da Educação do Distrito Federal.

Notícia alvissareira que me foi hoje repassada pelo Senhor Secretário da Casa Civil do GDF, Dr. Swedenberger Barbosa, aqui presente, é que, nesta data, está sendo encaminhado à publicação, no Diário Oficial, o Termo de Cooperação Técnica e o respectivo Plano de Trabalho, com vistas à construção do Museu, cuja inauguração está prevista para 21 de abril de 2014 – em comemoração ao aniversário de Brasília.

A réplica da Escola Júlia Kubitschek será construída em madeira, conforme projeto original de Oscar Niemeyer, e se localizará na Candangolândia. Essa escola foi inaugurada em 15 de outubro de 1957 e constituiu-se no embrião da experiência inovadora proposta por Anísio Teixeira para a Capital do Brasil. A sua edificação em madeira remete à imagem inicial da construção da cidade, resgatando o panorama de acampamentos que então abrigaram a população que aqui chegava de todo o País, em busca de oportunidades de trabalho e encontrando, na educação, reais condições para a mobilidade social. Por razões históricas, essa escola representará, por si só, a mais valiosa peça do Museu da Educação do Distrito Federal.

Honrada pelo reconhecimento de méritos profissionais a mim atribuídos, compartilho com os presentes a responsabilidade que devemos ter para com esse Museu, uma semente que merece ser cuidado com amor, idealismo, compromisso e empenho de todos.

Muito obrigada!